

Aquele nosso trabalhar juntos¹

Fausta Romano², Roma

RESUMO: O centenário do nascimento de Armando B. Ferrari reuniu psicanalistas italianos e brasileiros, em modalidade híbrida, presencial e *on-line*, para compartilharem suas experiências de vida e profissionais, derivadas do encontro com o professor Ferrari e para participar do lançamento do livro “*Armando B. Ferrari, Il pensiero e le opere*”, uma sùmula do pensamento do professor Ferrari. Homem poliédrico, vivaz, fez do trabalho prático e comum o lema de sua maneira de formar: aprendendo e trabalhando juntos. Renovou as raízes do pensamento psicanalítico tradicional, alargando e subvertendo conceitos já consolidados. A experiência com Ferrari marca o caminho de seus herdeiros intelectuais, que aprofundam seu pensamento, mas mantendo sempre a mente aberta a novas possibilidades. Neste sentido, o entrelaçamento entre a prática analítica e a da antiga disciplina chinesa Tai Chi Chuan, lançou uma luz sobre a importância de considerar o analista enquanto corpo/mente/emoção dentro da relação analítica.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho conjunto, teoria psicanalítica, corporeidade, relação analítica, Tai Chi Chuan

"Aquele nosso trabalhar juntos – juntos, descobrir e contrastar e nos corrigir em embates frequentes e às vezes acirrados – é matriz de meu contínuo enriquecimento e aperfeiçoamento. Uma ocasião para ser também perene discípulo, um condicionamento, se quiser, dentro daquela humildade que é a indispensável carburação da ciência” (Ferrari A.B.)³

1. Tradução: Stefania Buonamassa.

2. Psicóloga, Psicoterapeuta, Presidente do *Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca “A.B. Ferrari”*, Roma – Itália.

3. Ferrari A.B. Entrevista em: *Le (nuove) confessioni di un italiano. Armando Ferrari si racconta a Luigi Santucci*, Chimera editore, Milão, Itália, 2010 (edição limitada e não comercial).

O Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca “A.B. Ferrari” (I.P.F.R. “A.B. Ferrari” - Roma) quis comemorar o centenário do nascimento do psicanalista ítalo-brasileiro Armando B. Ferrari com a publicação de um livro, dividido em dois volumes, que reúne sua produção, publicada entre os anos setenta e os primeiros anos de 2000.

A coletânea inclui também uma importante produção de seminários clínicos inéditos, que nos dão a possibilidade de observar a atuação direta do Ferrari psicanalista.

O livro foi apresentado durante dois dias de estudo, que ocorreram em 8 e 9 de abril de 2022, em Roma, organizados pelo I.P.F.R. “A.B. Ferrari” com a colaboração da Escola de especialização em Psicologia Clínica da Universidade de Roma, La Sapienza, com o I.P.F.R. “A.B. Ferrari” – sede brasileira, e com o Núcleo Psicanalítico de Aracaju, e ainda com o patrocínio da revista online *Funzione Gamma*. Durante este evento, psicanalistas italianos e brasileiros testemunharam como o encontro com Armando Ferrari modificara sua maneira de entender o trabalho de análise; outros apresentaram propostas inovadoras que nascem do desdobramento de suas hipóteses.

Foi convidada ao Evento Anna Siniscalco,⁴ com a qual foi apresentada uma das novas propostas.

O livro contou com a apresentação da professora Stefania Marinelli⁵ e do professor Riccardo Williams⁶.

Uma versão do livro, que abrange alguns dos artigos publicados aqui e os seminários clínicos está sendo preparada para a publicação em São Paulo, Editora Blucher.

4. Instrutora certificada e de Academia de 6º grau, *International Yang Family Tai Chi Chuan Association (IYFCCA)*, habilitada ao ensino e à formação de Instrutores desde 2017, Instrutora Federal Nacional de 4º grau FIWuK, Federação Italiana Wushu-Kung Fu, desde 2015. Fundadora, Presidente e Diretora Técnica da *Associazione Dinamica Tai Chi Chuan e Arti associate A.S.D. dal 2015*.

5. Professor Adjunto de Psicologia Clínica – Sapienza Roma, Psicanalista de grupo (IIPG). Dirige, com o Prof. Riccardo Williams, a coletânea “Psicopatologia da idade evolutiva, tradição e pesquisa” por conta de Edizioni FrancoAngeli.

6. Professor de Psicologia Dinâmica junto ao Departamento de Psicologia Dinâmica, Clínica e Saúde, e Docente da Escola de especialização em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia Dinâmica, Clínica e Saúde – Universidade La Sapienza, Roma

O livro⁷

A publicação desses dois volumes é o resultado de um trabalho ao qual muitos entre nós contribuíram.

Era assim que se trabalhava com Ferrari. Cada um trazia sua contribuição, com generosidade e humildade, em prol da construção de um pensamento comum, pelo prazer de aprender com a experiência de cada um, dentro do grupo. Trabalhar com ele era como ser um aprendiz de artesão: a aprendizagem era direta e prática, trabalhando juntos, com sua orientação, lado a lado enquanto trabalhava nas suas supervisões, descobrindo novos horizontes de pensamento e partindo, muitas vezes, de um fragmento, uma palavra, uma imagem.

Com ele, construía-se novas hipóteses: um trabalho vivo.

Assim, depois de sua partida, os colegas que confluía no I.P.F.R. “A.B. Ferrari”, durante cerca de dois anos selecionaram, coletaram e transcreveram suas supervisões clínicas, efetuando uma primeira filtragem e transformação.

Em seguida, os quatro organizadores refinaram mais ainda este material e o integraram com outros escritos de Ferrari, alguns dos quais inéditos e provenientes de seu acervo pessoal, disponibilizado pela esposa do Professor, Barbara Levi Ferrari.

Um trabalho atento e metucioso que durou anos, em que cada um desenvolveu um papel fundamental.

Quem é o psicanalista A.B. Ferrari⁸?

Anárquico militante durante a Segunda Guerra, jovem correspondente na América Latina no final do conflito por conta do jornal *Italia Viva*, à época sob a direção de Leo Valiani, chegou no Brasil no começo da década

7. Armando B. Ferrari – *Il pensiero e le opere. Saggi psicoanalitici - Volume 1 La teoria. Volume 2 La clinica. A cura di Carignani P., Bucci P., Ghigi I., Romano F., 2022, FrancoAngeli, Milano.*

8. Montreal, Canadá 1922 - Roma, Itália 2006.

de 1950, onde completou sua formação como antropólogo, sociólogo e psicanalista.

Em São Paulo encontraria e colaboraria com Wilfred R. Bion, compartilhando sua hipótese teórico-clínica e transformando-a ainda, nos anos a seguir.

Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Membro da *Società Italiana di Psicanalisi* e Membro da IPA (*International Psychoanalytical Association*), retorna à Itália em 1976 para colaborar com o filósofo Emilio Garroni a uma pesquisa sobre a questão da linguagem na relação analítica.

Desde então, mesmo permanecendo na Itália, continua colaborando com psicanalistas brasileiros, inclusive com congressos a cada dois anos, que ele mesmo denominou Encontros Ítalo-brasileiros. “Encontros”, para destacar a importância que ele dava nesses Eventos (e que ainda hoje continuamos a dar) à troca de ideias e conhecimentos entre relatores e público, e a potencialidade transformadora deste dialogar. Como no Encontro da relação analítica, grande importância reveste o aqui e agora, o momento do encontro, o seu poder de transformação para todos os participantes, graças à confrontação entre novo e desconhecido, elemento indispensável à contínua formação do pensamento. Justamente por causa disso, os artigos não são lidos durante o Encontro, mas são enviados aos participantes com boa antecipação, para que possam ser lidos e estudados e assim transformando-se numa sugestão viva para a discussão, no momento do Encontro, graças à função de coleta e mediação dos facilitadores.

Sua hipótese psicanalítica

Graças a toda sua produção escrita, reunida nos dois volumes do livro, é possível percorrer a formação de seu pensamento psicanalítico que, partindo de Sigmund Freud e Melanie Klein e passando pela colaboração com o psicanalista W.R. Bion, chega a reformular e revolucionar a teoria e a técnica psicanalíticas.

Primeiro na história da psicanálise, Ferrari coloca a dimensão corporal como elemento fundamental da relação, por sua natureza conflitiva e dinâmica, entre corporeidade e psiquicidade.

O corpo como origem da mente e seu objeto principal. “Não é a mãe o primeiro objeto para o recém-nascido, e nem mesmo o seio materno, mas sua própria fome” (Ferrari A.B., 1992)⁹.

Com isso, Ferrari subverte os termos de uma relação que, por anos, a psicanálise considerou central na formação do indivíduo: a relação com a mãe.

“Conter é verbo transitivo - escreve Angelo Macchia, não esgota a ação em si, mas a estende sobre um objeto que, daquela ação, recebe os efeitos: “choras porque tens fome”. Mediante a presença de um outro, de (M)Other, a criança torna-se capaz de pensar na raiva como a uma sensação dela; torna-se capaz de pensar” (Macchia A., 2022)¹⁰.

«Este é outro mistério. [...] Por que é necessária uma pessoa externa? Por que o ser humano não pode ser como uma minhoca? Por que ter um parceiro ou uma parceira? Por que não ter uma vida sexual consigo mesmo, sem demais aborrecimentos? Por que não se pode ter uma relação diretamente consigo mesmo, sem a intervenção de uma espécie de ‘parceira’, mental ou física? Ao que parece, precisamos “ricochetear” em outra pessoa, ter algo que devolva o que dizemos, para que se torne compreensível» (Bion, 1984,59, citado em Macchia A., 2022)¹¹.

Ferrari desenvolve e leva ainda mais à frente o pensamento de Bion, por ele considerado seu mestre, abrindo esta questão: a importante função do outro de si. Em sua hipótese, não está na mãe (ou em que desenvolve essa função) a matriz do saber, mas na própria criança, em seu sentir e perceber: a criança sabe, é o sujeito do seu sentir, nela residem os significados

9. Ferrari A.B. (1992), *L'Eclissi del corpo*, in Carignani P., Bucci P., Ghigi I., Romano F. (A cura di) (2022), *Armando B. Ferrari. Il pensiero e le opere. Saggi psicoanalitici*. Vol.1, pag. 132, FrancoAngeli, Milano.

10. Macchia A. (2022), *Esiste una cosa chiamata corpo?*, em *Psicoterapia Psicoanalitica*, Revista semestral da SIPP- *Società Italiana di Psicoterapia Psicoanalitica*, Ano XXIX, N. 1/2022, *Del Corpo*, Milão, Itália, Editora FrancoAngeli.

11. Macchia A. (2022), *Ibidem*.

potenciais de seu perceber, enquanto o outro desenvolve a função fundamental de catalisador deste saber. Talvez, aquele “ricochetar em outra pessoa” ao qual se refere Bion. Se os significados potenciais estão no recém-nascido e não na mãe, todavia é graças à função catalisadora desta que aquele pode encontrar um eco e, às vezes, uma resposta às suas necessidades; este complexo sistema de correspondências significativas entre percepção sensorial e significado, que podem se ativar dentro de si mesmo, facilitada pela função catalisadora do outro, é o ponto de origem do processo de pensamento.

Antes da relação com o outro de si, portanto, para Ferrari ativa-se desde o nascimento a relação entre a dimensão corporal, que ele denota como Uno, e a função psíquica do perceber a sensação corporal, que denota como Bino.

A relação Uno/Bino precede a relação com o outro de si e através desta desdobra-se no decorrer da experiência e ao longo do tempo.

“A hipótese psicanalítica de Ferrari parte da ideia que a psique adquira do corpo o impulso para sua própria evolução. Disso, deriva também a ideia de que se possam criar equilíbrios desarmônicos entre as componentes do sistema indivíduo, especialmente entre dimensão corporal e dimensão psíquica, entre si em recíproca relação e, às vezes, também que um resgatado equilíbrio do corpo possa ajudar num percurso de recuperação dos estágios de sofrimento psíquico” (Seghetti R., 2020)¹².

O gatilho do funcionamento psíquico, portanto, é uma presença: uma presença interna ao sistema e não colocada externamente, como por anos a psicanálise sustentou, considerando central a figura materna.

Não é apenas da frustração da precisão, portanto de uma ausência, que nasce o pensamento a partir da necessidade de uma satisfação alucinatória da precisão, como na hipótese de Bion, mas sim de uma presença: a presença da sensação e da sensação percebida.

A presença da sensação impulsiona o indivíduo a buscar respostas à

12. Seghetti R. (2020), *Introduzione* a Siniscalco A., Romano F., Seghetti R., *Da Soma a Psiche. Il viaggio dei sapiens*, Funzione Gamma, N° 47 - *La polifonia del corpo in psicoanalisi*.

precisão, dentro de si e/ou na relação com o outro. Poderíamos dizer “sinto e percebo, logo sou, logo penso”.

Essa hipótese, com suas implicações e desdobramentos, que Ferrari constrói graças à sua formação abrangente de homem, de antropólogo e psicanalista, e também em função da observação clínica, revoluciona o pensamento psicanalítico sobre o funcionamento da mente e a técnica psicanalítica.

A relação analítica

Na hipótese de Ferrari, portanto, não é a mãe que sabe, aprioristicamente, do que o recém-nascido precisa, mas é este que sabe e que toma conta disso, indicando-o à mãe ou a quem cuida dele.

Analogamente, não é o analista que, graças às suas teorias, conhece aprioristicamente o que se dá no analisando: é o analisando que sabe de si, mas muitas vezes *não sabe de saber*.

Assim, analista e analisando são colocados numa posição paritária, por quanto relativo à responsabilidade e ao poder: não cabe ao analista o poder do conhecimento “sobre o analisando”. A sua responsabilidade é a de criar um contexto em que seja possível, para o analisando, mover-se rumo ao conhecimento de si, mediante a experiência da relação com o analista e consigo mesmo.

Neste sentido, também a função do analista é parecida com aquela de um catalisador dos significados e das potencialidades do analisando.

A responsabilidade do analisando é aceitar, recusar, transformar a proposta do analista.

A relação analítica constrói-se com o passar do tempo e com uma modalidade única, específica e irrepetível com cada analisando como contexto de experiência: o dizer do analista não objetiva explicar, meta-comunicar, “desvelar a verdade inconsciente”, mas solicitar a ativação de recursos já presentes no analisando e travados nele por *posturas antálgicas* assumidas no decorrer da vida, diante de dificuldades emocionais,

corporais, psíquicas.

Tudo ocorre no aqui e agora de cada encontro.

Memórias do passado, teorias predefinidas e conhecimentos pgressos colocam-se no pano de fundo de um encontro que se dá aqui e agora, partindo das percepções e sensações do analista em relação ao analisando, e de quanto o analisando consegue implementar de si mesmo a cada sessão.

Uma relação dinâmica e processual, a relação analítica, que ocorre a cada instante do seu fazer-se e, ao mesmo tempo, de seu começo em direção ao fim, porque colocada na flecha do tempo (Hawking S., 2002).

Assim, para Ferrari, a relação analítica é constituída por uma *dupla constante dinâmica*: o *ir*, poderíamos dizer, pela primeira vez, do analisando em direção a si mesmo e o *retornar* do analista para si mesmo (Ferrari A., 1983)¹³.

Um retornar, o do analista, que não deve ser interpretado em sentido estritamente temporal: retornar para aquilo que Freud definira como pontos cegos. Poderíamos dizer que é um retornar em sentido espacial. No aqui e agora do encontro com o analisando, o analista é chamado a retornar a si mesmo, àquilo que nele vai se ativando, no decorrer da relação com o analisando: conhecimentos, experiências, sensações, emoções que se formam e emergem no fazer-se de seu encontro com o analisando. O encontro com o outro, portanto, é mais uma vez catalisador do encontro consigo mesmo, inclusive para o analista.

Um retornar para si mesmo do analista, enriquecido pela relação e pelo encontro com o analisando.

Deriva disso a possibilidade de entender a relação analítica como um entrelaçar-se de proposições analíticas que cabe ao analisando aceitar, recusar, transformar, e de consequentes processos de transformação das proposições que o analista irá formulando.

Poderíamos dizer que a relação analítica se transforma em um trabalho de pesquisa que envolve ambos os seus protagonistas, não numa intenção

13. Ferrari A.B. (1983), *La relazione analitica*, em Carignani P., Bucci P., Ghigi I., Romano F. (Org.) (2022), *Armando B. Ferrari. Il pensiero e le opere. Saggi psicoanalitici* - Vol.1, pág. 132, Editora FrancoAngeli, Milão, Itália.

reveladora de verdades inconscientes, mas capaz de construírem, juntos, processos de transformação: para ambos os participantes.

O método

“Professor, ainda não compreendi bem alguns aspectos da teoria do senhor”. Durante uma supervisão Ferrari reagiu com forte inquietação a essa minha pergunta, dizendo que não estava interessado no fato de eu compreender sua teoria: “Eu quero, Fausta, que você esteja aqui com todo seu ser, toda sua capacidade de percepção e intuição, com sua sensibilidade”.

“Por que querem compreender? A compreensão deposita uma placa de mármore preto sobre qualquer problema clínico. Porque compreender enterra a percepção, as intuições, a curiosidade. Se compreendemos, não estamos mais presentes, acabamos o jogo: compreendemos, pois. Estão me acompanhando? *Compreender constitui o grande perigo da relação analítica*: e não importa se é o analista ou o analisando que compreende. Compreender não significa perceber, porque compreender pertence à mente, é um procedimento estritamente mental, não passa pelo corpo, não passa pela sensação, não se torna percepção e, assim, não pode ser transformado em experiência (...) não tem suficiente cor emocional para se tornar experiência, coisa vivida, coisa metabolizada, coisa sentida. Permanece um simples entender” (Ferrari, 1987, 1993, 1994).¹⁴

De onde emergem, então, as formulações do analista? Quanto, do seu dizer, reflete o seu sentir e perceber a si mesmo no encontro com o outro? Quanta atenção é capaz de conceder à própria corporeidade? Por quantas horas fica sentado? E como é sua postura? Lembra-se de respirar, de vez em quando? Qual é o impacto que tem sobre ele a presença de um outro, que adentra a sala da análise? E como influi a posição vis-à-vis sobre o sentir do analista? E como muda, se o analisando utilizar o divã? Ou se,

14. Ferrari A.B., (1987, 1993, 1994), *Problemi di tecnica psicoanalitica*, in Carignani P, Bucci P., Ghigi I., Romano F. (2022), *(A cura di), Armando B. Ferrari. Il pensiero e le opere*, FrancoAngeli, Milano.

como hoje, na época da Covid, utiliza o instrumento *online*?

Ferrari definiu como ‘Aura’ aquela parte infável e não objetivável que constitui o substrato (poderia dizer o líquido amniótico) sensorial e emocional de cada encontro analítico com cada paciente.

Minha experiência integrada Tai Chi Chuan/Psicanálise

Perguntei-me o que poderia dar suporte e ajuda ao analista se, na sua função de escuta daquilo que acontece nele, no encontro com o analisando, incluímos tudo, inclusive sua área corporal, feita de sensações, percepções e emoções.

Neste quadro, situa-se a minha experiência, que há tempos desenvolvo na busca de práticas que possam ladear o percurso da relação analista-analisando. Depois de várias tentativas, encontrei o Tai Chi Chuan.

Trata-se de uma antiga disciplina chinesa que, nascida como arte marcial há mais de mil anos, desenvolve funções terapêuticas e objetiva alinhar e harmonizar a mente e o corpo. Suas raízes filosóficas estão baseadas no Taoísmo, no Confucionismo e no Budismo.

Cada movimento expressa uma intenção e um pensamento, na harmonização de Yin/Yang, os dois princípios fundamentais do Taoísmo.

Na minha maneira de sentir, a calma exigida por esta disciplina, a lentidão dos movimentos, a atenção necessária a cada passo, a cada gesto, no progredir da experiência, contribuem com a ampliação de minhas capacidades de escuta, percepção e intuição. Minha visão amplia-se e focaliza-se com maior precisão, e tudo isto junto, ao amalgamar-se com meus conhecimentos, me leva a pescar no fundo de mim mesma, linguagens, palavras, silêncios, únicos para cada momento de encontro com cada um dos pacientes que, diariamente, encontro.

Meu treinamento é em relação a mim mesma, através da minha prática do Tai Chi Chuan e da minha prática clínica. A percepção de meus limites torna-se experiência concreta, experiência que me orienta, mesmo quando não enxergo solução de imediato, e treina em mim a paciência e o saber

poder aguardar, inclusive na escuridão do encontro com um universo que ignoro: o do paciente? O meu? Talvez de ambos.

A experiência concreta de meu limite e a confiança em poder tolerá-lo e, quem sabe, até mesmo transformá-lo, ajuda-me e ensina-me a humildade: a cada instante, porque a cada instante a ansiedade do não saber me conduz a acelerar, a querer saber, a querer entender... E encontro a cada vez, e mais, e mais, aquela simples pergunta: “Por que querem compreender?”

E hoje me pergunto como é possível que, na formação à psicoterapia, na formação do analista, seja tão menosprezada a dimensão corporal. Por que nas escolas de formação não é prevista uma atenção prática e teórica que possa favorecer a harmonização entre dimensão corporal e dimensão psíquica no aluno? Por que, ainda hoje, as Escolas de Formação objetivam refinar os conhecimentos teórico-clínicos, mente/emoção, deixando de lado o fato que a pessoa do analista é *corpo/mente/emoção*?

E todavia: “O Eu, dizia Freud, é, antes de tudo, um Eu corporal”.

A experiência do Grupo Integrado Tai Chi Chuan/Psicanálise

A partir de minha experiência pessoal, de como o estudo e a prática dessa disciplina estão alterando minha maneira de me colocar, inclusive na prática clínica, nasceu em mim a ideia de propor uma experiência de formação que dura já há quatro anos, a um grupo de psicoterapeutas.

O grupo é guiado por Anna Siniscalco¹⁵ e com minha participação, com encontros mensais, durante os quais parte prática, e parte de estudo e reflexão, integram-se em busca de um cotejamento e possível integração.

Parte integrante deste módulo de formação é, com efeito, a leitura de textos clássicos do Tai Chi Chuan e das Obras de Armando B. Ferrari.

A discussão e a reflexão comum que deriva disso identificam pontos

15. Instrutora certificada e de Academia de 6º grau, *International Yang Family Tai Chi Chuan Association (IYFTCCA)*, habilitada ao ensino e à formação de Instrutores desde 2017, Instrutora Federal Nacional de 4º grau FIWuK, Federação Italiana Wushu-Kung Fu, desde 2015. Fundadora, Presidente e Diretora Técnica da *Associazione Dinamica Tai Chi Chuan e Arti associate A.S.D. dal 2015*.

de afinidade e de diferença entre esses dois mundos culturais: muitas, cabe-me afirmar, são as afinidades.

O objetivo desse grupo é poder aprender, através do Tai Chi Chuan, uma via prática que leve ao conhecimento e ao encontro, consigo mesmo e com o outro, para aprofundar e ampliar a própria formação à relação analítica.

Nos participantes está emergindo uma capacidade de percepção mais profunda e uma descoberta progressiva de sua corporeidade, que revela pontos de bloqueio afins àqueles ainda presentes na área psíquica, dos quais não se tem noção.

O aumento da consciência e a possibilidade de desatar estes “nós”, incidem de forma significativa no bem-estar do indivíduo e no afinar-se das capacidades clínicas¹⁶. Por isso, além da constituição de um segundo grupo de Formação Integrada ao qual participam outros 12 psicoterapeutas, propomos este módulo formativo em uma Escola de Formação à Psicoterapia Sistêmico-Relacional, cuja equipe demonstrou interesse para esta tipologia de aprofundamento formativo.

E tudo isso também deriva de nosso *trabalharmos juntos*, no tempo, nos vários grupos de trabalho, e da possibilidade de integrar e unificar os saberes, na vontade de progredir no conhecimento do funcionamento da mente. Mente que, na hipótese proposta por Ferrari, é um conjunto complexo de funções que incluem corpo-emoção-pensamento.

Uno/Bino, na hipótese de Ferrari, constitui um conjunto incindível de unidade na alteridade. Yin/Yang, na filosofia taoísta, constitui um conjunto coeso na quiete, distinto e integrado no movimento.

Distinguir e unificar internamente a sistemas complexos, distinguir e unificar no trabalho comum entre vários saberes, na intenção comum de progredir em busca do novo.

16. Um vídeo com algumas sequências da prática deste grupo, acompanhadas por sintéticas e essenciais reflexões dos participantes do grupo foi realizado por Michaela Pani (*Architect, PhD Candidate Environmental Technological Design; Department of Planning Design Technology of Architecture-Sapienza University of Rome*), com gravações que ela própria realizou durante as aulas, além do seu esmerado e profissional trabalho de montagem das sequências. O vídeo está disponível no site www.dinamicataichi.it e no site www.unoebino.it

Uma ocasião para ser também perene discípulo, um condicionamento, se quiser, dentro daquela humildade que é a indispensável carburação da ciência”. (Ferrari A.B.)¹⁷

OUR WORKING TOGETHER

ABSTRACT: The centenary of the birth of Armando B. Ferrari brought together Italian and Brazilian psychoanalysts in hybrid mode to share their life and professional experiences derived from their encounters with Professor Ferrari and to participate in the launch of the book “Armando B. Ferrari, Il pensiero e le opere”, a summary of Professor Ferrari’s thought. A lively man of many talents, he made practical and common work the motto of his method of formation: learning and working together. He renewed the roots of traditional psychoanalytic thought, broadening and subverting already consolidated concepts. The experience with Ferrari marks the path of his intellectual heirs, who deepen his thought, but always keeping an open mind to new possibilities. In this sense, the interweaving of analytic practice and that of the ancient Chinese discipline Tai Chi Chuan has shed light on the importance of considering the analyst as body/mind/emotion within the analytic relationship.

KEYWORDS: joint work, psychoanalytical theory, corporeality, analytical relationship, Tai Chi Chuan.

NUESTRO TRABAJO JUNTO

RESUMEN: El centenario del nacimiento de Armando B. Ferrari reunió en modalidad híbrida a psicoanalistas italianos y brasileños para compartir sus experiencias de vida y profesionales derivadas de sus encuentros con el profesor Ferrari y para participar del lanzamiento del libro “Armando B. Ferrari, Il pensiero e le opere”, resumen del pensamiento del profesor Ferrari. Hombre vivo y de múltiples talentos, hizo del trabajo práctico y común el lema de su método de formación: aprender y trabajar juntos. Renovó las raíces del pensamiento psicoanalítico tradicional, ampliando y subvirtiendo conceptos ya consolidados. La experiencia con Ferrari marca el camino de sus herederos intelectuales, quienes profundizan en su pensamiento, pero siempre con la mente abierta a nuevas posibilidades. En este sentido, el entrecruzamiento de la práctica analítica y la de la antigua disciplina china Tai Chi Chuan ha arrojado luz sobre la importancia de considerar al analista como cuerpo/mente/emoción dentro de la relación analítica.

PALABRAS CLAVE: trabajo conjunto, teoría psicoanalítica, corporeidad, relación analítica, Tai Chi Chuan.

REFERÊNCIAS

Carignani P., Bucci P., Ghigi I., Romano, F. (2022). *Armando B. Ferrari – Il pensiero e le opere. Saggi psicoanalitici - Volume 1 La teoria. Volume 2 La clinica.* Milano:

17. Ferrari A.B. Entrevista em: *Le (nuove) confessioni di un italiano. Armando Ferrari si racconta a Luigi Santucci*, Chimera editore, Milão, Itália, 2010 (edição limitada e não comercial).

FrancoAngeli.

Ferrari, A.B. (2010). Entrevista em: *Le (nuove) confessioni di un italiano. Armando Ferrari si racconta a Luigi Santucci*. Milano: Chimera editore. (edição limitada e não comercial).

Ferrari A.B. (1992), *L'Eclissi del corpo*. Milano: Borla.

Macchia A. (2022). Esiste una cosa chiamata corpo? In: *Psicoterapia Psicoanalitica, Revista semestral da SIPP - Società Italiana di Psicoterapia Psicoanalitica*, Ano XXIX, N. 1/2022, *Del Corpo*, Milano: Editora FrancoAngeli.

Seghetti R. (2020). Introduzione a Siniscalco A., Romano F., Seghetti R., Da Soma a Psiche. Il viaggio dei sapiens. In: *Funzione Gamma, N° 47 - La polifonia del corpo in psicoanalisi*.

fausta@gmail.com